

**Terras frias, alma quente: aspectos da sociedade e da cultura soviética em
“Viagem”, de Graciliano Ramos**

Talita Emily Fontes da Silva¹

Resumo: Este trabalho focaliza as observações realizadas por Graciliano Ramos acerca da cultura e da sociedade do regime soviético, contidas na obra **Viagem: Tchecoslováquia – URSS** (1954). O objetivo é examinar e interpretar os trechos da narrativa que envolvem este tema, ligando-os principalmente ao contexto da Propaganda Ideológica no âmbito da Guerra Fria (1947-1989). Nessa abordagem são utilizados os conceitos de Propaganda Ideológica; Estado Espetáculo e Cultura da Sujeição. A análise efetuada mostra que a visão de Graciliano sobre a URSS e o seu regime parecem, em parte, estar pautadas pelos ditames da propaganda oficial soviética. Por outro lado, tal visão não deixa de transparecer as dúvidas do escritor sobre a veracidade daquilo que lhe foi mostrado durante sua visita. Também acentuarei a importância da literatura na Guerra-Fria como um veículo de construção de uma imagem positiva das nações comunistas.

Palavras-chave: Comunismo; Graciliano Ramos; URSS

**Cold lands, hot soul: aspects of the culture and society in “Viagem”, de Graciliano
ramos**

Abstract: This paper focuses on the observations made by Graciliano Ramos about the society and culture of the Soviet regime, contained in the work **Viagem: Tchecoslováquia - URSS** (1954). The objective is to examine and interpret the narrative passages involving this theme, linking them mainly to the context of Ideological Propaganda in the context of the Cold War (1947-1989). In this approach are used the concepts of Ideological Propaganda; State Show and Culture of Submission. The performed analysis shows that Graciliano's view of the Soviet Union and his regime seems to correspond, partly, to dictates of official Soviet propaganda. On the other hand, such a view shows doubts of the writer on the veracity of what was showed to him during his visit. I will also emphasize the importance of the literature in Cold War as a vehicle of construction of a positive image of the communist nations.

Keywords: Communism; Graciliano Ramos; USSR

Artigo recebido em 29/01/2016 e aceito em 21/02/2016.

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

Introdução

Na primavera de 1952, a União Soviética recebe dezenas de comitivas estrangeiras, vindas dos mais variados locais do mundo. O objetivo principal destes numerosos “turistas”, na sua grande maioria levados a URSS pelo Partido Comunista, é assistir aos desfiles em comemoração ao Dia do Trabalhador, evento de máxima importância para aquele regime.

O desfile, no entanto, é só o princípio da viagem destas comitivas. Após o dia 1º de maio, parte dos grupos estrangeiros concentrados no lado Leste da Cortina de Ferro serão levados a conhecer um pouco mais da estrutura da sociedade soviética, participando de excursões agenciadas pela **VOKS** (Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros).

Em meio a este aglomerado, o Brasil encontra-se representado por uma comitiva com cerca de 30 pessoas. E entre os participantes, encontramos o escritor Graciliano Ramos. O alagoano, conhecido por suas crônicas ácidas e suas obras regionalistas, era membro do Partido Comunista desde 1945, e foi convidado a participar da excursão rumo a URSS, que teria duração de mais ou menos 1 mês. Todas as despesas referentes a viagem seriam cobertas pelos anfitriões.

A partir desta visita a Moscou “e a outros lugares medonhos situados além da cortina de ferro exposta com vigor pela civilização cristã e ocidental”^{II}, Ramos deu início a confecção da obra **Viagem: Tcheco-Eslováquia – URSS**. Formulada como uma espécie de diário de viagem, este livro não chegou a ser finalizado, pois o autor veio a falecer em 1953. Mesmo incompleto, foi publicado pela Editora José Olympio em 1954.

Dividido em 34 curtos capítulos, descreve quase sempre de modo minucioso os mais variados momentos de sua excursão. Tanto os grandes acontecimentos, como a sua visita ao túmulo de Lenin, até momentos simplórios, mas repletos de significado, como um passeio solitário pelas ruas de Moscou, ou um rápido e complicado diálogo com um nativo.

Viagem: Tcheco-Eslováquia – URSS tematiza diversos assuntos. Podemos encontrar comentários acerca da organização Social, da estrutura urbana, da política e do seu líder, Joseph Stalin, e assim por diante. Neste trabalho, a análise estará voltada para as impressões de Ramos acerca do povo soviético, a sua cultura, e a estrutura educacional. Observaremos como estes temas foram abordados pelo escritor alagoano, ligando-os ao contexto da Propaganda Ideológica no âmbito da Guerra Fria (1945 – 1991).

FRAGMENTOS DA ALMA SOVIÉTICA

Graciliano expõe, no início de Viagem, o seu desejo de entender a alma do povo soviético. Ainda nas primeiras páginas de seu relato, Ramos irá expor a forte vontade de entender aquelas pessoas tão diferentes dos seus compatriotas. Entretanto, ao decorrer de suas observações, constatará ser “impossível” alcançar este objetivo, já que, dentre

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

outros motivos, a comunicação entre o alagoano e os soviéticos era muito restrita, necessitando dos tradutores da **VOKS**, ou por mímicas^{III}.

Mas isto não impediu que o autor nutrisse um grande carinho por todos que minimamente cruzaram o seu caminho. Nas terras frias, acreditou sentir em seus habitantes uma “alma quente”, prestativa e receptiva com os estrangeiros^{IV}.

Por este motivo, o escritor não deixa de registrar suas impressões acerca da índole do povo russo. Numa visita ao metrô moscovita, uma imagem o deixa impressionado: um oficial do exército russo presenteia uma criança desconhecida com uma pêra. O gesto do soldado parece indicar ao escritor a generosidade presente na alma do russo sob o novo regime.

A sensibilidade do militar traz consigo uma mensagem. Talvez ela represente uma sociedade que apesar de se encontrar em pleno estado de alerta, pronta para o combate, ainda possui espaço para a generosidade. Segundo John Clews, esta era uma representação comumente disseminada pela propaganda soviética “além dos muros”, e que o próprio GR reforçará em algumas passagens de **Viagem**. O homem russo havia se tornado bondoso, amante da paz, e contrário ao militarismo. Mas, se a guerra ocorrer, ele estará pronto para doar sua vida pela nação.

A índole do povo soviético se manifesta ainda em outras situações. G.R observa os “excessivos salamaleques” daquela gente. Este costume é ainda mais saliente nos representantes da **VOKS** (Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países Estrangeiros). O escritor sente-se constrangido com a maneira que lhe tratam, e aos demais membros da comitiva. Era como se os visitantes brasileiros estivessem prestando aos soviéticos um favor^V. Aos olhos de Ramos, eram os visitantes que deveriam adotar esta atitude.

Com o seu jeito tipicamente “rude”, parece que o escritor de **Angústia** reluta em admitir que nas geladas terras soviéticas ele é um visitante especial. Por sinal, esta era uma das funções da **VOKS**. Fazer o possível para proporcionar aos intelectuais visitantes a melhor estadia possível. Se tudo ocorresse como “planejado”, os turistas, ao fim da excursão, seriam novos veículos de propaganda do “paraíso vermelho” em suas nações de origem.

Todavia, no decorrer da obra, nem sempre o povo russo é relatado por G.R como afável e acolhedor, como os membros da organização. O escritor relata, por exemplo, a sua tentativa de dialogar com um militar enquanto aguardava uma consulta oftalmológica. Tentando agradar o interlocutor, G.R elogia a potencial bélico soviético. O servidor de Marte reage violentamente^{VI}. Tomado pelo demônio da dúvida, o nosso escritor indaga-se a respeito da espontaneidade e da gentileza que tem sido objeto pelos hóspedes. Tal gentileza não seria como “morfina”^{VII} para os visitantes, disfarçando a verdadeira face do povo?

Apesar de toda a simpatia que nutre pelo regime comunista, o ceticismo característico do alagoano parece não o ter abandonado completamente. No decorrer de **Viagem**, pode-se notar que a admiração e a desconfiança caminhavam lado a lado. Basta um único gesto destoante para que nosso escritor comece a especular acerca da realidade que lhe era apresentada. Entretanto, fica difícil para o leitor concluir se estas

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

manifestações eram reais ou não passavam de outro traço frequente da literatura de Ramos: a ironia.

Como nos indica Francisco Alves, ao se utilizar constantemente da ironia e do sarcasmo, Graciliano exige atenção e “apela para a inteligência” dos seus interlocutores. Por outro lado, a recorrência com que o viajante afirma se sentir limitado diante da excessiva presença e cordialidade dos anfitriões pode ser um sinal de que o senso crítico do quebrangulense não havia sido totalmente desarmado diante das “maravilhas” soviéticas que lhe eram mostradas.

Em mais de um passo da obra, G.R registra a aversão do povo soviético a guerra. Convidado a visitar as irmãs Volia e Sattva Brandão, que estão tentando traduzir uma de suas obras, o escritor sentirá mais uma vez a aversão a guerra presente na população moscovita. “Expert” em perguntas espinhosas, mesmo que as vezes não tenha pretensão de ser, G.R. toca na ferida, ao perguntar o por que de uma das anfitriãs ainda não estar casada. Volia Brandão responde amargamente que seu celibato tinha uma razão: a exiguidade de homens na União Soviética em virtude da guerra^{VIII}.

O caráter sofrido do povo soviético naquela época é incontestável. Só a Segunda Guerra Mundial dizimou mais de 20 milhões de russos, na sua maioria civis. Além disto, como nos informa Aarão Reis Filho, as estatísticas não consideraram o número de mutilados, os que adquiriram traumas psicológicos, e assim por diante. Acrescente-se a isto a própria Revolução Russa e outros tantos conflitos que aquela região foi submetida ao decorrer dos séculos. As chagas da Guerra estão incrustadas nesta sociedade.

De uma outra feita, G.R registra mais uma demonstração de indignação dos soviéticos com relação a guerra. Ao expor que em determinado momento da excursão deixou de perguntar sobre a participação soviética em guerras, Ramos dará como exemplo a reação manifesta pela guia oficial da comitiva brasileira, Sra. Nilkolskaya, ao realizarem uma pergunta sobre o tema em uma conversa informal no hotel. O tom de grande indignação expressado pela guia surpreendeu a todos^{IX}. Como Ramos comentará, tratar deste assunto é como mexer em “casa de maribondos”.

Além da indignação da guia ao tratar da guerra, neste momento o alagoano destacará a falta de solidariedade dos países capitalistas diante dos danos sofridos pela URSS na II G.M. Como a sra. Nilkolskaya ressaltará em sua inflamada afirmação, os Aliados, em retribuição ao auxílio do exército vermelho na Grande Guerra, só haviam lhes fornecido “caminhões velhos e ovos podres”. Percebe-se mais uma vez como o nosso observador salienta o caráter egoísta típico das nações capitalistas. Em contrapartida, ele enfatiza a postura heroica desempenhada não só pelo exército, mas por todo o povo soviético.

Além do pacifismo, um outro traço soviético destacado por G.R é o caráter pacato do povo. Narrando a chegada da comitiva brasileira a Geórgia, o escritor incomoda-se ao observar que as pessoas o espiavam “sem acanhamento”, chegando ao ponto, segundo G.R, de quererem toca-los, como se estivessem admirados por serem sul americanos e não possuírem aspecto “repulsivo”^X. Acreditava que a única explicação para esta atitude é que possivelmente o soviético comum possuía uma imagem negativa do Brasil e dos brasileiros. Após este primeiro momento de curiosidade, os hóspedes são recebidos com a típica amabilidade “excessiva”.

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

A índole do povo sob o regime soviético é manifesta ainda numa prática comum dos soviéticos: A visita semanal ao túmulo de Lênin. Em visita a Necrópole da Muralha do Kremlin, o escritor é informado que três vezes por semana, habitantes de diversas regiões da União Soviética visitam o Mausoléu de Lenin, para prestar reverência e depositar flores. O monumento foi inaugurado em 1930, e guarda até hoje o corpo embalsamado do primeiro líder soviético, exposto em uma urna de vidro. Segundo o alagoano, a fila para realizar este ato é imensa^{XI}. Apesar do grande número de pessoas, ele fica surpreso com a gentileza que a população expressa diante dos turistas, ao permitir que a comitiva brasileira passasse a frente, como se “fossemos figuras ilustres”.

Uma das ferramentas mais utilizadas no regime stalinista, com o intuito de controlar a sociedade, foi o incentivo do culto a Lenin. Como nos relata Dmitri Volkogonov, foi construído em torno da figura do primeiro líder soviético um sinônimo de “pureza ideológica”, na qual Stalin personificava o seu irremediável sucessor. A partir deste status, tendo como base as peculiaridades do povo russo, o sucessor de Lenin pôde construir um cenário propício para a proliferação de uma “fé ideológica” e uma sujeição aos ensinamentos leninistas, na qual ele seria o grande interprete e guia. O Mausoléu de Lenin, visitado por GR simboliza perfeitamente o quanto está estratégia foi bem sucedida.

A narrativa de Graciliano Ramos não esconde o clima “religioso” em que a visita ao túmulo de Lenin estava impregnada. Ao descer a cripta, o visitante se depara com um homem do povo, que aparenta estar adormecido. G.R se assombra com a “imortalidade ali exposta”, sucedido por uma sensação de magnetismo ao fitar o “catafalco de mármore negro”. Fazendo o máximo de silêncio, “pisando com pés de lã”, os visitantes depositam flores e prestam reverência ao morto ilustre ali conservado.

Este Graciliano que só enxerga beleza nesta manifestação do povo soviético, mais uma vez parece se afastar daquele que encontramos em suas crônicas, que como já foi comentado, não admitia e repudiava o caráter fanático religioso que afirmava existir no ethos brasileiro. Observa-se novamente que certos “vícios” que nosso escritor não costumava tolerar na sua terra natal, na URSS são vistos com bons olhos.

O escritor anota ainda um outro traço interessante da índole soviética: a valorização da geografia nacional. Visitando uma Casa de repouso na cidade de Tbilissi, o escritor recebe de uma das hospedes a recomendação reveladora “– Se deseja conhecer a alma russa (...) não deixe de ir ao Volga.”^{XII}. Possuindo nascente no norte da Rússia, e desaguando no Mar Cáspio (situado atualmente no oeste russo e no Azerbaijão), o rio é o mais extenso da Europa, e além de possuir grande importância comercial, serviu como fonte de inspiração para a literatura e a música regional.

Neste momento Mestre Graça manifesta a sua convicção de que era impossível, para ele, entender a alma russa. Não só porque lhe era inviável conhecer o Volga, como era necessário ser um “igual” para poder compreender efetivamente aquela gente. A impossibilidade de se comunicar através da língua local era outro fator determinante. Desta maneira, ele era forçado “a receber migalhas”.

EDUCAÇÃO E CULTURA NA URSS

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

A Educação é um tema recorrente nos capítulos de **Viagem**. Graciliano destaca, por exemplo, o número de bibliotecas públicas existentes na URSS. Em visita a Georgia, o escritor destaca a popularidade da literatura no local. Em todo o seu percurso nos países soviéticos é ressaltada a queda vertiginosa do analfabetismo e a constante preocupação com uma educação de qualidade^{XIII}. Observando esta realidade, o alagoano não deixa de comparar a realidade da URSS com o seu país, onde a escolarização é precária, e “onde os analfabetos engordam, proliferam, sobem, mandam, na graça de Deus”^{XIV}.

É importante registrar que neste passo da obra o autor registra suas visitas a fábricas, museus, etc, onde a sua atenção estará voltada justamente para os aspectos educacionais do regime soviético.

Como nos afirma Gayle Durham Hollander, a utilização de bibliotecas públicas era realmente muito popular na URSS, especialmente as que estavam situadas nas “Casas de cultura”. Um fato interessante ressaltado por este autor é que estes ambientes eram importantes veículos de propaganda soviética. Estes locais não eram unifuncionais. Desempenhavam além das ações educacionais, atividades que misturavam ações sociais e políticas com diversão. Em várias regiões, as casas de cultura, por exemplo, eram o único espaço de socialização. Desta forma, a doutrinação da população era realizada de maneira ampla e sutil.

A Educação é mais uma vez tematizada quando G.R e a comitiva brasileira visitam a “Escola 23”, destinada apenas a educação de garotas (segundo o que informaram ao grupo, o ensino misto havia sido extinto).^{XV} O alagoano, com toda a sua minúcia e curiosidade, examina cada ambiente da instituição, e fica impressionado com o trabalho lá desempenhado. Não perde a oportunidade e conversa com algumas alunas, que dizem estudar sobre o Brasil. E ironiza, comentando que aquelas “pobres crianças” estavam contaminadas com o “vírus do socialismo”, que tinha lhes proporcionado uma educação que os brasileiros encontravam-se “imunes, livres da aritmética”.

Em visita ao Combinado Têxtil de Tbilissi, G.R focaliza mais uma vez a Educação. Incomodado com o diferente nome para se referir a uma “fábrica de meias”, lhe é explicado que neste complexo também estão situados “sanatório, hospital, banhos, lavanderia, estádio, casa de cultura, sala de esportes, escola de aprendizagem, biblioteca, teatro (...)”^{XVI}, além de uma escola normal para os operários e um jardim de infância.^{XVII}

Os procedimentos ao decorrer das excursões são bastante semelhantes. Primeiro são derramados uma série de dados e estatísticas (que para o nosso narrador são excessivas e cansativas), e na sequencia tem início a “inspeção”. Neste Combinado Têxtil o que chamou a atenção de Ramos foi o espaço destinado ao Jardim de Infância. No momento da visita, as crianças dançavam, prática esta que o autor notou ser uma paixão nacional.

A excelência no domínio cultural também é evidenciada. Graciliano observa como na “nova Rússia”, a população tem acesso a “alta cultura”. É o caso do Balé.

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

No decorrer de sua viagem, o escritor nota uma íntima ligação entre os habitantes desta gelada região e a dança. O entusiasmo dos espectadores do Teatro Bolshoi é evidente. Preparando-se para assistir a peça *Romeu e Julieta*, ele se admira ao notar que um local antes “destinado ao burguês e ao nobre”, agora encontra-se repleto de uma plateia de pessoas simples, caminhando pelo tapete vermelho do teatro com suas “grossas botas”^{XXVIII}. Implicitamente, G.R parece contrastar o caráter elitista do balé no mundo ocidental com o acesso democrático dos trabalhadores a esta arte no mundo soviético.

Visitando o Palácio de Beria, em Tbilissi, Georgia, G.R. volta a abordar a Educação^{XIX}. Um antigo asilo administrativo havia sido transformado, no dizer do escritor, numa “instituição que tinha como objetivo aperfeiçoar conhecimentos e animar vocações”.^{XX} Ele não deixa de comparar aquela realidade com a da sua terra natal, sempre enfatizando o “excessivo” número de livros. Num certo momento da narrativa chega a ironizar, questionando se na verdade o grande volume de livros impressos não seriam, finalmente, uma forma de “embromar o visitante”^{XXI}.

Segundo o que lhe é relatado no decorrer da viagem, as tiragens dos livros nas terras soviéticas são gigantescas, e são consumidas com a mesma voracidade pela massa. E mais uma vez o escritor compara a URSS com o Brasil, onde o escritor precisa lutar permanentemente com um mercado editorial exíguo. Mestre Graça não se contém e ironiza: “Pouca gente lê – e vingamo-nos dizendo que não escrevemos para a massa ignara: escrevemos para nós mesmos”^{XXII}.

Como já foi acentuado, o contraste entre a União Soviética e o Brasil é frequente. Em nenhum momento de sua narrativa GR abandona a sua inclemente visão acerca do seu país de origem. Especialmente ao tratar da educação e da cultura, é inevitável o tom de desgosto ao recordar a difícil vida intelectual na nação verde amarela. Em contrapartida, os benefícios do regime socialista são propagandeados, pontilhados de com a sua usual ironia: Para que uma nação precisaria de tanta educação?

O escritor também não deixa de registrar a existência de uma Educação doutrinária. Visitando o Instituto Marx-Engels na cidade de Tbilissi, Geórgia, ele registra o funcionamento de um seminário de marxismo para professores^{XXIII}. Sediado em uma edificação imponente, o Instituto foi fundado em 1938, e nele estão abrigados importantes documentos da história do marxismo. Graciliano relata ter visto diversas exposições que continham um grande aglomerado de fotografias, livros utilizados por figuras importantes como Lenin e o próprio Stalin, cartas, etc. O passeio pela instituição é relativamente demorado, o que deixa Mestre Graça um tanto impaciente: “Meio século de história nas paredes; o exame disso nos desarticulava o pescoço(...)”^{XXIV}.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserido num momento histórico de intenso conflito ideológico, o livro **Viagem** é uma janela de acesso para as manobras propagandistas produzidas pelo Partido

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

Comunista. No caso particular do nosso Mestre Graça, percebemos que o ávido crítico das mazelas brasileiras não se contém diante das excelências que lhe são apresentadas na União Soviética.

Mesmo afirmando não desejar “cantar loas” ao Governo Soviético, Graciliano Ramos não esconde a sua simpatia pelos ideais comunistas, e o quanto aquela nação lhe agradou. Utilizando-se da sua convencional ironia em vários trechos, percebemos que não são poucos os momentos em que o escritor compara a “liberdade miserável” do regime capitalista, com a “prisão” do regime comunista, onde, na sua perspectiva, todas as necessidades da população são supridas.

Posição semelhante a de Graciliano pode ser encontrada em escritos de vários outros intelectuais, espalhados nos mais diversos países do ocidente, após a Segunda Grande Guerra. O regime comunista, coroado como grande vencedor do conflito encerrado em 1945, apresentou-se como uma saída ao convencional modelo de sociedade assombrado pela desigualdade. O modelo social comunista fornecia aos “filhos da guerra” a esperança de um dia viverem num mundo livre e próspero, sem a barreira das classes^{xxv}.

Mas, apesar de toda a admiração perante a grandiosidade do regime, podemos notar em nosso viajante alagoano o demônio da dúvida. O excesso lhe aguçava a desconfiança. Seja a excessiva cordialidade dos seus anfitriões, ou a grande quantidade de livros nas bibliotecas, no seu relato são recorrentes os questionamentos acerca da veracidade do que era apresentado.

Não duvidamos que Graciliano encontrava-se imerso em uma grande excursão propagandista. Só as maravilhas da URSS foram expostas, enquanto os seus problemas e falhas foram devidamente escondidos.

Seja como for, **Viagem** é uma obra para ser apreciada com cuidado. Graciliano Ramos teceu mais uma chave para entendermos os embates ideológicos existentes no período da Guerra Fria.

^I Mestranda em História Comparada pela UFRJ. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET / CNPQ / UFS). Email: talifontes.20@gmail.com.

^{II} RAMOS, 1980. pg. 8.

^{III} “Em terra, a convivência obrigatória com pessoas de raças diferentes da minha, de hábitos diferentes dos meus, e a necessidade forte de entendê-las, às vezes recorrendo a três intérpretes. Na passagem de uma língua para outra, o pensamento se modifica – e era-me preciso examinar as fisionomias, buscar saber o que se encerrava em almas exóticas.” (Ibid. pg.14)

^{IV} “Não conseguiremos, porém, esquecer o transeunte disposto a ser-nos útil de qualquer modo, a criança gulosa de beijos num jardim de infância, o camponês curioso do Brasil, a polícia que vez de nos levar para a cadeia, como é natural, tenta auxiliar-nos se cometemos uma infração inadvertidamente.” (Ibid, pgs. 14-15)

^V “Era sem dúvida um disparate, mas os russos têm a habilidade espantosa de, obsequiando-se, sugerir que lhes fazemos obséquios.” (Ibid. pg. 46)

^{VI} “Na sala, esperando a minha vez de ser atendido, percebi entre os numerosos fregueses um sujeito de farda e condecorações. Leviano, dirigi-me a ele, falei da guerra, mas a tentativa de relacionar-me com a força vista de longe, a 1º de maio, teve péssimo efeito. O homem sobressaltou-se, fixou-me um olhar feroz, rugiu uma sílaba e deu-me as costas.” (Ibid, pg. 67)

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

^{VII} Comparação utilizada pelo próprio Graciliano, ainda quando narra o episódio da sala de espera. “Envolveria-nos desde a chegada, afirmações de paz, e algumas pessoas vacilam, perguntavam se elas eram realmente sinceras. Podiam ser doses de morfina aplicáveis ao estrangeiro.” (Ibid. Pg.57)

^{VIII} “- Volia, por que é que você não casa?

(...)

- Impossível, camarada, respondeu Volia triste. Poucos homens hoje poderiam casar comigo. Os que existem são muito novos ou muito velhos para mim.

A referência amarga ao sacrifício de uma geração arrepiou-me(...)”(Ibid. Pg. 70)

^{IX} “ ‘Perdemos dezessete milhões de homens. E o que nossos aliados nos deram? Caminhões velhos e ovos podres.’[Sra. Nilkolskaya] Ficara muito vermelha, a voz entrecortada(...)”(Ibid. pg 95)

^X “ Não parece que estamos na capital de uma república, mas num povoado sertanejo da minha terra, longe das ferrovias; como os viajantes aí são raros, a gente do lugar chega às janelas, sai a calçada para vê-los.” (Ibid. Pg 103)

^{XI} “Três vezes por semana uma comprida fila se torce na rua, desemboca na Praça Vermelha, avizinha-se no Kremlin, paciente e vagarosa, entra no túmulo de Lenin.” (Ibid. 1980. Pg. 74)

^{XII} Ibid, 1980. Pg. 140

^{XIII} Lá dentro, biblioteca larga, a abundância de literatura que nos surge em toda a parte. Filas diante de livrarias; as edições esgotam-se com rapidez. Trezentas e cinquenta mil bibliotecas do Estado, com setecentos milhões de volumes. (...) Para que tanta letra? Afinal, essa fartura de impressos torna-se monótona, tem aparência de mania(...)” (Ibid, pg 100)

^{XIV} RAMOS, 1980, pg. 100.

^{XV} “[Na Escola 23] Trinta e seis salas comportam mil e duzentas alunas; há cinquenta e cinco professores, dois médicos e um dentista (...). O período escolar é de onze anos, abrangendo o curso primário e o secundário; mas aqui não existe seriação: realiza-se um trabalho contínuo.” (Ibid. pag. 108)

^{XVI} Ibid, pg. 103.

^{XVII} “Embirrei com este nome: Combinado Textil de Tbilissi. Por que não se dizia, em linguagem cristã, que aquilo era uma fábrica de meias? Tadeu Gogoladze, homem paciente e minucioso, deu-me explicações (...): ali não se tratava apenas de indústrias, mas de instituições sociais.” (Ibid. pag 112).

^{XVIII} “A multidão invadiu a casa ilustre [Teatro Bolshoi], e aí se achou a vontade, como no trabalho ou na rua: ninguém teve a lembrança de mudar um pouco a indumentária.” (Ibid, Pg. 50)

^{XIX} “Palácio do Pioneiros Beria (...) Nem tirei do bolso o caderno de notas: seria necessário escrever muitas coisas. Deixando a saleta aonde as minúcias acabam, andamos e percorremos as secções que no instituto funcionam: Ciência, técnica, educação física, educação artística, trabalho cultural das massas, biblioteca.” (Ibid, 1980. pag. 121)

^{XX} Ibid. pag. 121

^{XXI} Ibid, pg 122

^{XXII} Ibid, pg 122

^{XXIII} “ [O Instituto Marx-Engels] É um belo edifício, amplitude em três andares, salas e mais salas a estender-se num desperdício louco de espaço.” (Ibid, pgs. 158)

^{XXIV} Ibid, pg. 159

^{XXV} JUDT, Tony. 2008.Pg, 213

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Francisco José. **A pátria é um orangotango: O Brasil nas crônicas de Graciliano Ramos**. Síntese, Brasília, n.5, p.46-55, 2000.

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

AMADO, Jorge. **O Mundo da Paz**. Rio de Janeiro: Editora Vitória. 1951.

CLEWS, John C. **As técnicas da Propaganda Comunista**. Rio de Janeiro: Cruzeiro. 1966.

DUCOULOMBIER, Romain. **La VOKS**. Disponível em: anraprika.hypotheses.org/567.

FROMM, Erich. **Conceito marxista do homem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HOLLANDER, Gayle Durham. **Doutrinação política soviética: Os progressos nos meios de comunicação em massa e de propaganda desde Stalin**. Rio de Janeiro: Agir. 1974

JUDT, Tony. **Pós Guerra: Uma história da Europa desde 1945**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LEVI, Lúcio. Regime Político. IN.: BOBBIO, Noberto (org.). **Dicionário de política**. Brasília – Editora UnB, 1998, pgs. 1081 – 1084.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. IN: **Locus: Revista de História**, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 227-246, 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/131.pdf>

PAULO NETTO, José. **O que é stalinismo**. São Paulo: Brasiliense. 1981

RAMOS, Graciliano. **Viagem: Tchecoslováquia - URSS**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

RAMOS, Graciliano. **Garranchos**. [Org.: Thiago Mio Salla] – Rio de Janeiro: Record, 2012.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

**TERRAS FRIAS, ALMA QUENTE: ASPECTOS DA SOCIEDADE E DA CULTURA
SOVIÉTICA EM “VIAGEM”, DE GRACILIANO RAMOS**
TALITA EMILY FONTES DA SILVA

SANI, Giacomo. Propaganda. IN.: BOBBIO, Noberto (org.). **Dicionário de política**. Brasília – Editora UnB, 1998, pgs. 1018- 1021.)

SANT’ANNA, Armando. **Propaganda: Teoria, Técnica e Prática**. Armando Sant’Anna, Ismael Rocha, Luiz Fernando Dabul. 8ª ed. rev. – São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SOTANA, Edvaldo Correa. **Relatos de viagem a URSS em tempos de Guerra Fria: Uma prática de militantes comunistas brasileiros**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1978.

VOLKOGONOV, Dmitri A.. **Os sete chefes do império soviético: Lênin, Stalin, Khruchev, Brejnev, Andropov, Chernenko, Gosbachev**. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.